

Manuel Gusmão

### **Prefácio a um livro de teoria da história**

Uma laranja incendiada paira acima da linha do horizonte

Tendo aprendido a falar, aquele grupo de homens aguarda agora que deus fale pela sua voz e que, por efeito desse desdobramento vocal, eles se descubram capazes de cantar. Eis do que falamos quando falamos de história: Baixamo-nos,

pegamos num punhado de terra vegetal e numas poucas pedras, juntamos-lhe um rancho de animais capazes de se reproduzir e e aguardamos agora que, comovidos, eles se ponham a cantar.

- E de onde os ouves tu?
- Eu estou diante de uma porta fechada  
E não os vejo nem lhes consigo tocar.
- Estás preso no porão de um navio negreiro  
De um galeote onde se amontoam os que cantam  
numa língua estrangeira e pobre.
- estrangeira e riquíssima.

Os perfumes que as palavras projectam  
em redor, transformam-se nos brilhos das granadas  
e os ritmos das frases nos desenhos dos mísseis  
que avançavam da clandestinidade  
até aterrarem numa praia supostamente transparente.

*Uma ténue força messiânica*

*Então existe um acordo secreto  
entre as gerações passadas e a nossa  
então fomos esperados, sobre esta Terra  
então foi-nos dada, como a todas  
as que nos precederam, uma ténue força  
messiânica a que o passado tem direito.  
Não se pode rejeitar de ânimo leve esse  
direito. E o materialista histórico sabe disso.  
(W.B.)*

*O materialista histórico*

*não pode prescindir de um conceito de presente  
que não é passagem, mas no qual o tempo  
se fixou e parou.  
Porque esse conceito é precisamente  
Aquele que define o presente no qual ele escreve  
História  
(W.B.)*

*Um clarão num momento de perigo*

*Articular historicamente o passado  
não significa reconhecê-lo «tal como ele foi».  
Significa apoderarmo-nos de uma recordação  
quando ela surge como um clarão num momento de perigo.  
Ao materialista histórico  
interessa-lhe fixar uma imagem do passado  
tal como ela surge, inesperadamente,  
ao sujeito histórico, num momento de perigo.  
[...] só terá o dom de atirar no passado  
a centelha de esperança  
aquele historiador que tiver aprendido isto:  
nem os mortos estarão seguros se  
o inimigo vencer. E este inimigo*

*nunca deixou de vencer.*

(W.B.)

Escrito numa página de argila  
que fecha uma porta sobre as águas  
de um caudaloso rio: *pode ser que o que  
o texto teça advenha ao homem como destino*  
(Maria Gabriela).

Para o entenderes  
só precisas de saber que várias  
são as vozes que nesse texto se tecem  
e nisso lutam, aprendem a lutar  
e se constroem.

Atenção:

Se não estiverem escritas  
não saberás pronunciá-las.

A mulher escreveu a frase numa paisagem pobre de oliveiras  
já mortijas.

As figuras que pertenciam à história passada  
tinham sido por isso barradas e, emendadas agora,  
libertam-se dessa história e desse passado  
que não eram os seus e eis que nos chegam do futuro.

Ela conta:

Por não ter lido o [*Cântico dos Cânticos*],  
em vez de Homero e Hesíodo,  
Hölderlin, não terá conseguido ouvir, o retorno da Sulamita [ ... ]  
«esse é o trabalho de nos fazermos, uma parte humana  
e outra  
a mais longe possível do humano,  
corças, cães, veados, mirra, sol, vinha, perfume.»

#### *As origens da poesia*

*Ao que parece duas causas, e ambas naturais  
geraram a poesia (A.): o haver linguagem  
e os homens terem o mundo como  
a sua tarefa comum, - estendem as mãos  
à sua procura e sentem uma pequena queimadura*

na polpa dos dedos.

- ao que parece, ainda não sabemos, de ciência  
certa, que causas naturais geraram a poesia  
a não ser as que alguns poemas nos declaram  
num estremecimento de certeza  
intempestiva.

*Poesia e história*

*Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu;  
É, sim, o de representar o que poderia acontecer,  
quer dizer: o que é possível segundo  
a verosimilhança e a necessidade.*

*Por isso a poesia é algo de mais filosófico  
E mais sério do que a história  
Pois refere aquela principalmente o universal  
E esta, o particular.  
(A.)*

*Il pleuvait sans cesse  
Sur Brest ce jour-là  
(J.P.)*

*Ce jour vaut nuit ce jour bleu cendres-là  
(F.P.55)*

A neve vai pela terra, levando consigo,  
depositadas em vários estratos,  
as pegadas das vítimas.

*Ver erat:* escrevia um jovem escritor.  
Enquanto o que via era um avião  
resplandecente, parado no meio do ar

O mar tem o nome de outono. As mulheres,  
deiscentes como folhas, caem sobre o teu corpo  
crepitando levemente como se fossem um forno estelar.

Pelos séculos dos séculos, milhões  
e milhões de mortos que esperam por florir  
e milhões e milhões de vivos que procuram  
uma exploração mais competente e eficaz  
para a eliminarem ou a ela se submeterem.

Duas mil ou duas mil e quinhentas crianças  
hispânicas foram retiradas às famílias  
e abandonadas e armazenadas  
nas fronteiras dos EUA  
serão uma maneira de consolidar os direitos humanos  
num país que diz ter sido o seu inventor?

Onde enterrarão os milhares de refugiados  
mortos no Mediterrâneo, com sinais evidentes  
de fome e hipotermia?

Quantos cadáveres de crianças palestinas,  
em vias de se transformarem em fantasmas,  
adubam hoje os campos de Gaza?